

## Políticas de ação afirmativa: inclusão no ensino superior: Apresentação

LUIS FELIPE KOJIMA HIRANO

O debate sobre o sistema de cotas raciais e o “Estatuto da Igualdade Racial” continuam trazendo grandes dúvidas e questões para diversos setores da sociedade. Até o momento, 21 instituições de Ensino Superior aderiram às cotas sociais e/ou étnico-raciais<sup>1</sup>, enquanto o “Estatuto da Igualdade Racial”, criado em 1998, permanece em trâmite no Congresso Nacional, sem previsão para a votação. Em 2006, muitas foram as movimentações pela aprovação deste projeto de lei: abaixo-assinados enviados ao Congresso e manifestações de intelectuais, líderes de movimentos sociais e artistas, entre outros – a favor e contra o Estatuto – tiveram ampla cobertura da mídia. Buscando refletir sobre estes acontecimentos, além de esclarecer dúvidas e questões sobre tais políticas de ação afirmativa, a Comissão de Cultura<sup>2</sup> dos Centros Acadêmicos de Ciências Sociais (CEUPES) e Filosofia (CAF) da USP, conjuntamente com a revista *Cadernos de Campo*, promoveu o ciclo de debates *O Negro: políticas e representações*.

Realizado em outubro de 2006, no Espaço Estudantil do prédio de Filosofia e Ciências Sociais da FFLCH/USP, o ciclo contou com a exibição de filmes que abordavam a questão ra-

cial, com o lançamento oficial da 13ª edição de *Cadernos de Campo*<sup>3</sup> e com três mesas de debate, sobre os temas “Políticas de ação afirmativa: inclusão no ensino superior” (publicada abaixo), “Reflexões sobre o Estatuto de Igualdade Racial” e “Representação do negro na cultura brasileira”. Como resultado dessa frutífera parceria entre os centros acadêmicos e a *Cadernos*, resolvemos publicar, na presente edição, a primeira mesa, que ocorreu no dia 16, à qual compareceram reconhecidos “porta-vozes” das posições contrárias e favoráveis ao Estatuto. A defesa do projeto coube a Frei David Raimundo dos Santos, diretor-executivo da Educafro, e Dojival Vieira, editor da Afropress. A contrargumentação ficou por conta de José Carlos Miranda, coordenador do Movimento Negro Socialista, e de Yvonne Maggie, professora titular da UFRJ.

Não é de hoje que o tema das assim chamadas “relações raciais” ocupa espaço importante na pesquisa em Ciências Humanas. Desde seu nascedouro até os dias atuais, essa temática tem recebido bastante atenção da Antropologia. Ademais, não foram poucas as vezes que pesquisadores se envolveram na discussão política sobre o tema. Para citar ao menos um exemplo, lembremos o famoso texto “Raça e história”, escrito por Lévi-Strauss sob encomenda da Unesco. Nos debates recentes, novamente

1. Dado retirado do site da Fundação Cultural Palmares: [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)  
2. Participaram da organização do ciclo: Antonia Malta Campos, Francisco Toledo Dayrell de Lima, Gabriela Horesh Brettas, Lucas Coelho Brandão, Luísa Valentini, Luis Felipe Kojima Hirano, Maria Carolina Moraes, Natália Leon, Roberta Jereissati, Uyrá Lopes dos Santos.

3. Nesse número, destaca-se a entrevista com o professor Peter Fry sobre o tema das relações raciais no Brasil.

o saber antropológico é ativado por ambos os lados, a favor ou contra, suscitando reflexões sobre a conjuntura política atual e o próprio conhecimento das relações raciais. Sem a pretensão de encontrar respostas definitivas, este debate pretendeu elucidar os diferentes pontos de vista em torno do tema, tão em voga nos

últimos anos. Com o intuito de enriquecer ainda mais esta publicação, a *Cadernos de Campo* convidou a antropóloga Laura Moutinho e a socióloga Márcia Lima para travar um diálogo com a mesa, em artigo escrito a quatro mãos. Este dossiê é uma maneira de compartilhar essa discussão<sup>4</sup>.

**autor Luis Felipe Kojima Hirano**

Mestrando em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

*Recebido em 07/01/2008*

*Aceito para publicação em 07/01/2008*

4. A transcrição do debate foi realizada por Francisco Toledo Dayrell de Lima, Gabriela Horesh Brettas, Lucas Coelho Brandão e Luis Felipe Kojima Hirano.